Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2481unse

No. 8

LAP

15-9-48

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

AOS NOSSOS ASSINANTES

Depois que terminou a guerra, ha mais de três anos, todos em geral, como não podia deixar de ser, sentiram um grande alivio, porque iam entrar, de novo, na posse da paz com a normalizacão da vida internacional. Daí o motivo por que todos aguardavam uma baixa geral nos preços das utilidades e principalmente dos gêneros alimentícios.

Entretanto, está sucedendo justamente o contrário : o preço de tudo sobe cada vez mais, embora digam que o mercado está abarrotado. Subindo o preço de tudo, é justo que suba também o custo da mão de obra.

A «Revista Internacional do Espiritismo» não pode escapar a tal situação e, não tendo outra fonte de renda além do produto das assinaturas, vê-se obrigada a majorar o preço das mesmas, que passa a ser, desta data em diante, de cr.$ 35,00, porte simples, e cr. $ 40,00, porte registrado, anualmente

Como os nossos assinantes devem ter notado, não publicamos materia remunerada para não sacrificar c objetivo primordial desta Revista, que é o estudo dos fenômenos anímicos e espíritas. Assim é que, no lugar dos anúncios, que poderiam ser bem cobrados, publicamos sómente o que interessa o seu programa de caracter filosófico e científico.

Tratando-se de uma publicação dispendiosa, mas de incontestável valor para o estudo e a propaganda da Doutrina, esperamos merecer dos nossos prezados assinantes a mesma cooperação, o seu indispensável auxílio na tarefa comum de fazer brilhar a luz da Verdade aos olhos de cépticos e materialistas inveterados.

A REDAÇÃO.

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1948 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Progresso e o Valor do Espiritismo

NEM mesmo o mais obstinado contraditor, ou o mais fanático religioso, ou o mais indiferente pode negar que o Espiritismo está em marcha vitoriosa, semelhante ao bom pastor que, ao cair da noite, corre daqui para ali no afã de conduzir as suas ovelhas ao redil.

O surto progressista desta inegualável doutrina, inegualável porque é a revivificação do cristianismo primitivo, inegualável ainda porque é a promessa do Cristo de Deus, quando afirmou que enviaria o Paracleto para restabelecer todas as cousas, decorre de dois factos: 1.º, a reprodução, em escala cada vez mais crescente, dos fenômenos psíquicos, a começar da simples atuação até a obsessão completa que leva milhares de pacientes aos Centros Espíritas, na justa confirmação da profecia de Joel quando disse que chegaria o tempo em que o espirito seria derramado sôbre toda a carne, fenômenos que, assumindo um caráter mais elevado, nos apresentam espíritos materializados, «voz direta», trabalhos os mais variados, transportes de objetos, etc.; 2.º os ensinos transcendentais através de obras mediúnicas e mensagens do Além que confortam, estimulam e iluminam efetivamente as creaturas, abrindo-lhes a porta da Esperança, dando-lhes a verdadeira fé na certeza da sobrevivência individual após a morte do corpo físico, daí surgindo o desejo incontido da creatura entregar-se à prática da caridade como único meio do aperfeiçoamento espiritual, sem o qual não pode haver aquela felicidade que todos instintivamente almejam.

Esses dois factos constituiram o motivo da debandada de milhões de profitentes das religiões mundanas, que, percebendo as trevas em que os envolviam suas supostas religiões, abraçaram de alma e coração a doutrina espírita, que é a luz e o pão do espirito, enfim, a seiva da vida. Além de milhões de profitentes das religiões sacerdotais, milhares de indiferentes, ateus e materialistas obstinados, sob os influxos dos fenômenos e ensinos espíritas, passaram a engrossar a fileira espírita e seu trabalho é digno de encômios pelo esfôrço e pela boa vontade com que procuram cumprir os seus deveres cristãos.

E assim, alegra-nos sobremaneira verificar que além dos pequeninos, daqueles que mal sabem soletrar o alfabeto ou não o sabem, milhares de pessoas em evidência nos principais setores da atividade humana, abraçaram o Espiritismo porque se compenetraram de que só pode haver paz e entendimento entre os homens e

progresso do espírito à luz desta doutrina, que é o resumo das leis divinas.

Esta cruzada, porém, não está afeta apenas aos homens, aos espíritos incarnados, mas também aos desincarnados, aos Espíritos Superiores encarregados da evangelização ou espiritualização da humanidade.

Não precisamos citar os milhares de factos comprobativos desta nossa assertiva, estudadas e pesquisadas sob o mais rigoroso contrôle por sábios de renome como William Crookes, Camille Flammarion, Paul Gibier, Zöllner, Aksakof, Lombroso, etc. Basta mencionar as maravilhas que o Alto nos tem proporcionado através da admirável mediunidade de Francisco Candido Xavier para nos convencermos que os desincarnados estão trabalhando ativamente no sentido da espiritualização da humanidade.

Os iluminados Espíritos de Emmanuel, André Luiz e Humberto de Campos, têm nos mostrado, através de belissimas descrições, que estão ao alcance de todas as inteligências, o mundo espiritual, as suas maravilhas e a vida das diferentes categorias de espíritos. Essa tríade espiritual nos apresentaram verdadeiras obras primas da literatura, da filosofia, da ciência e da religião, na demonstração clara do valor da doutrina espírita.

Unamo-nos, pois, em tôrno desta doutrina, vigiando sempre no sentido de que o nosso trabalho seja realmente edificante, que não invalide o adjutório dos Bons Espíritos, que de mil maneiras, pela reprodução de fenômenos psíquicos, pelas mensagens de estímulo, pelas intuições, etc., procuram implantar no coração dos viventes deste mundo terreno, o reino dos céus e sua justiça. Desta maneira estaremos trabalhando eficientemente para o Espiritismo prosseguir na sua marcha triunfante.

Êste e o Outro Lado

V. Cy e o Espiritismo

J. Herculano Pires

(Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»).

NA edição de 25 de julho último, d'«O Estado de S. Paulo», volta o conhecido e apreciado comentarista V. Cy (Vivaldo Coaracy) a tratar de assuntos espíritas, por motivo do recente falecimento de Monteiro Lobato. Há pouco, e a propósito do livro «Afinal, quem somos?», de Pedro Granja, V. Cy escreveu um interessante artigo, focalizando o acelerado desenvolvimento do Espiritismo nestes últimos anos. Suas apreciações são feitas do ponto de vista do leigo, e se revestem do sabor especial da sua acurada curiosidade jornalística. Mas o que mais se destaca, no seu modo de vêr e de dizer as coisas, é a serenidade do cronista sincero, leal, do observador consciente, que não tira conclusões apressadas, não faz exaltações de fictício entusiasmo e não formula acusações descabidas ou apaixonadas, tão do gosto de certos «observadores» das coisas e dos factos espíritas.

V. Cy constata, as vezes até assombrado, a realidade palpável da difusão do Espiritismo nos últimos tempos. Registra o crescimento e a vitalidade do movimento entre nós. E não louva nem condena, como dizia o padre Vieira, mas simplesmente observa.

No último artigo, que é uma carta-aberta de resposta à pergunta que uma amiga lhe dirige, V. Cy aborda de frente a questão da imortalidade da alma para concluir, depois de um prolongado balanço nas suas convicções mais profundas: «Não sei se acredito no outro lado da vida». E afirma que não está fugindo ao problema, mas, pelo contrário, respondendo com absoluta sinceridade a questão que lhe foi proposta.

A seguir, passa a explicar que nunca se interessou a fundo pelo assunto, nem deseja se interessar. E isso

porque: «Penso que nesta vida há tanta coisa para a gente fazer, aprender, sentir, gozar e sofrer, que para quem queira viver plenamente a vida que lhe é dada, não sobra tempo nem energia mental a desperdiçar com as cogitações sôbre o outro lado.»

E nêste ponto, precisamente nêste ponto, é que a roda pega na argumentação fluente do comentarista. Até aquí, estamos com V. Cy. O fato de observar o movimento espírita como um simples cronista de palanque, mas leal e sincero, só nos póde honrar e agradar. Quando, porém, no intuito de justificar a sua indiferença pelo assunto, passa a acusar os espíritas de esper diçarem tempo e energia com «o outro lado da vida», V. Cy deixa o palanque da observação jornalística e entra no terreno árduo da participação. E então somos forçados a nos colocar no seu caminho. Mas com que alegria, santo Deus! Porque então, se o cronista já deixou a sua indiferença, para entrar na liça, é que as observações lhe mexeram em alguma coisa mais do que na simples e despreocupada curiosidade jornalística.

A «tese supressiva» de V. Cy, se assim a podemos chamar, não é dêle nem é nova. Para não irmos muito longe, basta-nos lembrar a posição do marxismo, que não vai além, em face dos problemas do espírito, da simples supressão dos mesmos, em benefício da vida material.

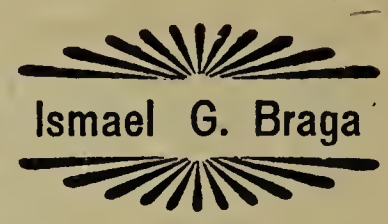
Essa atitude, aliás, encontra plena justificativa diante das teorias religiosas que procuram apenas servir de lenitivos para as atribulações humanas, e que na verdade não passam de doses massissas de ópio, intencionalmente distribuidas ao povo. Quando, porém, tratamos de Espiritismo, a evasiva já não mais se aplica. Porque o Espiritismo não é apenas uma teoria religiosa, não é simplesmente uma teologia. O Espiritismo é aquele triângulo positivo da definição de Emanuel, cujos vértices básicos, apoiados na terra (e é bom que V. Cy preste atenção neste particular: *apoiados na terra)* são a ciência e a filosofia, e cujo vértice, *voltado para o céu*, é a religião. Não se trata, portanto, de uma teologia imaginária, espécie de sistema mitológico travestido de cristianismo, mas de uma religião que deriva de factos naturais, observados, registrados, analisados pela *ciência* e interpretados pela *filosofia*. Comte ou Spencer, Hegel, ou mesmo Karl Marx, poderiam querer um sistema mais exato de deduções e conclusões, no terreno da lógica e em busca da verdade que redimirá a espécie?

V. Cy é um espírito arguto. E acreditamos que basta esta chamada de atenção, em meio do caminho, para desvia-lo do rumo incerto que acaba de tomar. Os factos espíritas não são coisas de outra vida, ou do «outro lado». Pelo contrário, são deste mesmo lado, desta mesma vida, factos quotidianos, factos comuns, entrosados na nossa vida diária, influenciando os acontecimentos da nossa presente existência, e não vemos como desviar deles a nossa atenção, sem fugirmos à realidade, e esperdiçarmos tempo e energia com a fuga impossível de explicações supostamente realistas.

«Temos uma vida a viver. Isto é certo. E' esta em que estamos. Tratemos de vivê-la bem vivida, que é a nossa obrigação», diz V. Cy. Pois bem: não é outra coisa o que nos diz o Espiritismo. Tudo, portanto, não passa de uma questão de entendimento entre as duas partes. Procure o cronista entender-se com o Espiritismo, de maneira mais íntima, tomando conhecimento real da sua doutrina, e podemos assegurar que se tornarão bons amigos. E' mesmo possível que se deem as mãos, e prossigam juntos na estrada concreta desta vida e deste lado.

O raciocínio, filho da inteligência, é uma conquista do espírito através de suas peregrinações terrestres. Isto quer dizer que o exercício do raciocínio vos conduzirá à verdade, que vos libertará da escravidão da matéria para elevar-vos aos altos cumes da espiritualidade. — CAMARGO.

A OBRA DE GELEY



— XIII —

Se a respeito do fenômeno mediúnico Geley reconhece a ação de uma vontade autônoma e independente do médium e dos experimentadores, igualmente sôbre o conteúdo das mensagens elevadas, confessa ele essa origem superior e explica as dificuldades que encontra o Espírito comunicante. Diz:

«Ao passar pelo canal medianímico, a mensagem será forçosamente limitada pelo mental e pela cerebração do médium. Quando a inspiração subconsciente intrínseca tem tanto trabalho para repercutir intacta no cérebro, com maior razão a inspiração extrínseca tem que se tornar limitada e deformada.

«E isto não é tudo: pelo simples facto de comunicar-se, o comunicante sofre uma perturbação psíquica notada por todos os experimentadores, especialmente pelos anglo-americanos. Ao tomar de empréstimo a substância do médium, o Ser se limita, como se limita ao nascer, ao formar para si um corpo com a substância materna. Só por este facto de comunicar-se com o plano material, o Espírito sofre uma espécie de reencarnação relativa e momentânea, acompanhada, em certa medida, como a reencarnação normal, do esquecimento da situação real e da reserva da maior parte de suas aquisições conscientes.

«Se se admite a manifestação espírita, é-se obrigado a pensar que, durante o curso de sua manifestação pelo canal mediúnico, o Sêr se acha irremissivelmente reduzido às condições que lhe caracterizaram a vida.

«Por todas estas razões e em virtude destas dificuldades, os comunicantes podem abundar em pormenores sôbre sua identidade, mas dificilmente dar noções precisas de sua situação real.

A seguir, Geley passa a tratar do conteúdo das comunicações e diz:

«Todas as comunicações elevadas, todas, sem exceção, afirmam a sobrevivência do que há de essencial no «eu», e a evolução indefinida rumo a maior consciência e a maior perfeição. Todas colocam o ideal e o alvo da humanidade acima de todos os dogmatismos. Todas proclamam uma moral superior de bondade e justiça.

«A evolução progressiva do inconsciente para o consciente, contudo, nem sempre está ligada à palingenesia. A pluralidade das existências jamais foi negada pelas comunicações elevadas, porém frequentemente tem-se de subentendê-la. Assim sucede nas admiráveis mensagens recebidas por Stainton Moses.

Vemos que o Diretor do Instituto Metapsíquico Internacional confirma tudo quanto os Espíritos já nos haviam revelado, confirmando assim, com seus estudos, as bases da Doutrina.

Depois de concluir o estudo sôbre a evolução do indivíduo, entra ele a tratar da evolução do Universo e vai chegar a conclusão de que virão a surgir novas formas de vida superiores, mais elevadas, do que a mais elevada de hoje, que é a do homem. Virá a aparecer, quando as condições evolutivas do planeta forem favoráveis, uma nova humanidade, ou melhor, superhumanidade, que seria a realização de todos os nossos ideais. Diz:

«Esta forma nova estaria conforme com todas as nossas aspirações conscientes revertidas para o inconsciente.

«Apareceria com um organismo menos grosseiro, menos sujeito às necessidades materiais, mais livre com relação ao tempo e ao espaço, refletindo, enfim, nosso ideal de inteligência, de equilíbrio, de juventude, de fôrça, de saúde, de liberdade, de beleza, de amor.

«Esta forma de vida e consciência dominaria a matéria, em lugar de sofrer, como hoje, sua dolorosa escravidão.

«Mas uma organização mais sutil do que a organização humana é compa-

tível com as necessidades do meio terrestre?

«Realizar-se á sómente em outros mundos?

«Já se realizou em algum lugar?

«Estes problemas, atualmente insolúveis, são mais próprios a tentar os poetas do que os filósofos».

Nós os espíritas não somos poetas, mas não temos dúvida alguma de que se realizem, em futuros milênios, todos êsses ideais na face da Terra e ainda um maior que o nosso Autor não apontou: Adquirirmos a capacidade de desmaterializar e rematerializar o nosso corpo, conforme as nossas conveniências. Não duvidamos, porque sabemos que o progresso é lei fatal que se cumpre através dos milênios. Se dos monstros primitivos o planeta já dá hoje o homem aviador que espalha a sua voz pelo rádio por toda a superfície do planeta; se vemos a humanidade progredindo rapidamente através dos séculos; como admitir que a evolução estivesse completa e que pela eternidade futura nos conservássemos, como hoje, galés da matéria?

O simples facto de já conhecermos a possibilidade do progresso infinito dos sêres nos dará novo rítmo ao progresso dagora para o futuro.

Faltava ao homem um grande ideal que o abrigasse contra o pessimismo e lhe desse novas forças para progredir; o Espiritismo veio estabelecer este ideal, mostrando-lhe seu brilhante futuro. Dagora em diante a humanidade progredirá mais rapidamente.

Provas, Afirmações e Trabalho...

LEOPOLDO MACHADO

O Espírito—guia espiritual dos trabalhos—manifestou-se e foi dizendo, mais ou menos, o seguinte:

Graves ocorrências estão reservadas para dias futuros.

Ocorrências dolorosas, experimentais, afirmadoras de valores e exigentes de trabalhos porfiados.

Casos de loucuras—ou de obsessões, para os espíritas! — se sucederão por toda parte e em quantidade tal, que dir-se-ia forte epidemia.

Será, mesmo, uma epidemia de loucuras, contra a qual não terá poder nenhum a ciência psiquiátrica. Muito menos, as promessas e penitências a santos da Igreja, e exorcismos dos reverendos.

De tudo zombará a epidemia.

E os loucos, levados na voragem, entrarão a dizer coisas surpreendentes, a fazer revelações que atestarão e confirmarão a sobrevivência da alma. Vultos que já desapareceram, tragados pela morte, conhecidos de toda gente, que andam a perambular, perturbadissimos, na Erraticidade, apresentarão, nas suas perturbações, tais provas que são eles mesmos, que ninguém poderá pô-las de parte. E, com essas provas, e as perturbações em que vivem, a documentação insofismável de que as missas e outros sufrágios religiosos do catolicismo nenhum poder têm para encaminhar alma-alguma ao Céu, que não existe; que nenhuma fôrça teriam para livrar alguém do inferno, se o inferno existisse... Espíritos que, a despeito de tão considerados pela Igreja, continuam, *no outro lado da vida*, mergulhados no purgatório e no inferno de dôres e desesperos sem nome, pelo mau uso que fizeram de seu livre-arbítrio, pelo desinterêsse com que sempre levaram o problema religioso, no plano terreno...

E toda gente ha de ter seus casos, suas provas!

E dessas provas e desses casos, uma coisa resultará positivissima, irrefragável, lógica: a sobrevivência da alma humana!

Os centros espíritas se encherão.

As residências dos espíritas mais dedicados à causa não comportarão as levas de sofredores que as procurarão.

Então, sob a evocação do nome do Cristo, e em nome do Espiritismo, os espíritas mais abnegados e sinceros não terão mãos a medir nas dores a aliviar, nos casos de loucuras a resolver.

Será, assim, a afirmação do Espiri-

tismo como a única terapêutica de molde a curar, realmente, a loucura.

Esta, pois, a afirmação, *urbi et orbi* do Espiritismo como ciência cristã, como a religião de verdade que, ensinando os meios reais da gente poder viver feliz, sem perturbações e desesperos na Eternidade, vai realizando na Terra o que nenhuma outra religião e nenhuma ciência poderá fazer...

Os espíritas, então, — aqueles que o forem de verdade, por sua capacidade de trabalho e por seu desinterêsse — darão o testemunho de que são, realmente, «o sal da terra e a luz do mundo». Porão suas mãos sôbre os enfermos e loucos — mãos que, por vezes, nem uma pena sabem manobrar sôbre o papel — e os curarão, vivendo, assim, à vista de toda gente, a promessa e o imperativo evangélicos que dizem: «em meu nome, expulsarão os demônios... porão as mãos sôbre os enfêrmos e os curarão» (Mar. XVI — 17 e 18).

E o espírita que, chamado à luta, não atender ao chamamento; que, acorrentado ao apêlo, não fôr capaz de tanto, dará provas de que sua fé é nenhuma, de que lhe falta o espírito de renúncia, a sinceridade nas convicções.

Este, o trabalho porfiado a que seremos chamado.

Até aquí, as advertências e os avisos do Alto.

Agora, algumas ponderaçõezinhas nossas:

Será que o trabalho para os espíritas encontrará os trabalhadores a postos?

Ou teremos de agir a receber «por misericórdia e de acrescimos», como tem acontecido até aquí?

Não seremos apanhados como as «virgens loucas» da parábola evangélica sem o azeite da fé pura e da bôa vontade cristã a transbordar nas candeias de nossos corações?

A tempestade de provas e de afirmações, encontrar-nos-á porventura, unidos e coêsos, fraternos e irmãos, como discípulos modernos do Cristo?

Não o cremos, ai de nós!

O Espiritismo é grande e puro de mais para a nossa pequenez e impurezas.

Lavra ainda, infelizmente, muita incompreensão entre os espíritas!

Quaisquer nonadas, de molde a contrariar pontos de vistas nossos, diferentes, são motivos fortes para máguas e ressentimentos infinitos.

Discussões estéreis, como, por exemplo, a da corporeidade do Cristo, são suficientes para abrirem abismos intransponíveis entre irmãos respeitáveis e instituições mais respeitáveis ainda!

Estreitissimos pontos-de-vista são mais do que bastante para desunir ainda mais!

Ressentimentos os mais tolos preparam deserções de companheiros que, até ontem, se nos afiguravam missionários ou apóstolos!

E a invigilância e a falta de orações vão alijando companheiros dedicados de seus postos de combate, vão abatendo instituições e organizações dignas e laboriosas!

Vemos, por tudo isso, arrastados na voragem de tudo o que contraria êste asserto do Cristo: «Que vos ameis uns aos outros, pois só assim provareis que sois meus discípulos».

Ainda bem que o Espiritismo não se alicerça nos espíritas para a sua altissima finalidade! Ele «dominará sem os homens e a pesar dos homens»...

Dominará sem os homens, para atestado eloquentissimo de sua grandeza e posteriores amarguras e arrependimento dos espíritas.

Meditemos, profundamente, em tudo que aí fica...

E que, pelo menos, não regateiemos cooperações e apoios a instituições que existem e se formam com o propósito de realizarem, já de agora, aquilo para que seremos chamados num futuro próximo.

Cerremos fileiras em torno dos sanatórios, hospitais e asilos de loucos e obsidiados, para atenuarmos, de algum modo, nossos êrros!

Ficai convencidos de que os sêlos apocalípticos estão sendo abertos, e o testemunho desta afirmativa encontrareis na situação aflitiva por que está passando o vosso mundo. Os tempos chegaram e ninguém mais poderá resistir ao surto progressista da Verdade. Acelerai o vosso trabalho, que agora mais do que nunca é necessário para apressar o advento do reinado do Espírito, tanto mais que o nosso trabalho aqui se realiza nêsse mesmo sentido. — CAIRBAR.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— IV —

5 — O Reino Dividido

O profeta prossegue impassível: — «E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem parte de barro de oleiro, e outra parte de ferro... êsse reino... será dividido».

Não obstante a sua grandeza e poder, Roma tampouco permaneceria. Também não seria seguida por outro reino universal. Dividir-se-ia. Fragmentar-se-ia, ou seria reduzida a pedaços. A divisão do grande Império Romano é representada na estátua pelos pés e dedos misturados de ferro e barro cosido. Na profecia paralela a do capítulo 7 de Daniel, é-nos dito que o quarto reino, Roma, se dividiria em dez partes. Em dez partes, assim como são dez os dedos dos pés da estátua.

Aconteceu isto? Exatamente. Durante o quarto e quinto séculos de nossa éra, em virtude das conquistas dos chamados bárbaros, dez nações diferentes ocuparam o território de Roma na Europa.

Essas nações ou povos em que Roma se havia dividido foram: os germanos (Alemanha), os francos (França), os burgundos (Suiça), os suevos (Portugal), os saxões (Inglaterra), os visigôdos e vândalos (Espanha), os lombardos, hérulos e ostrodos (Italia). Exatamente dez! Esses povos foram os precursores ou, em outros termos, os que deram origem às atuais nações da Europa.

Mil anos antes, a profecia havia anunciado que o grande Império Romano, o quarto reino, se dividiria em dez partes, com exatidão assombrosa.

Inúmeros comentaristas e estudiosos do passado predisseram o cumprimento da profecia.

No seu «*Tratado sôbre o Cristo e o Anti-Cristo*», Santo Hipolito, que faleceu cerca do ano 240, comentou: — «O ferro domina agora; domina e despedaça tudo; submete agora a quantos opõem resistência; já vemos todas essas coisas».

São Jerônimo, que morreu uns dois séculos mais tarde, no ano de 420, disse o seguinte: — «Em nossos dias o ferro se misturou com o barro. Noutra época não houve nada mais forte que o Império Romano; agora não existe coisa mais frágil; está misturado com as nações bárbaras, de cujo auxílio necesssita».

Em seu tempo, São Jerônimo, já previa a divisão do Império Romano, embora houvesse morrido cincoenta anos antes da quéda do derradeiro imperador romano. Rômulo Augustulo, o último dos imperadores romanos abdicou no ano 476. Assim, no ano 476 de nossa éra, Roma ficou difinitivamente dividida em dez partes, como a profecia havia anunciado mil anos antes. E conforme ainda a profecia, e em seu cumprimento, algumas das nações que surgiram são fortes e outras fracas».

Mas não formariam um só corpo!

«E como tú viste que o ferro estava misturado com a terra e com o barro, também êles se misturarão por meio de parentêscos contraídos, mas não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro se não póde ligar com o barro». (Daniel, II-43).

Por meio de matrimônio, entre as casas reais, se trataria de manter a unidade ou melhor, os grandes governadores da Europa seguiriam a política dos matrimônios arranjados entre as casas reais, com o objetivo de restabelecer um império universal, como o de Babilônia, Grecia ou Roma. Mas, conforme havia previsto a profecia, fracassariam, «...não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro se não póde ligar com o barro»!...

Certo é que, nestes últimos tempos, tem havido mudanças nas formas de governo, ainda subsiste, contudo, o facto de que as casas reinantes da Europa formam por muitos anos, uma grande parentela, todavia, apesar dessa política secular, mais de quatorze séculos de história demonstram que a Europa não se póde unir.

Quatorze séculos não puderam desmentir, estas assertivas categóricas da profecia: — «Não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro se não póde ligar com o barro».

Assim é que Carlos Magno, no século IX, Carlos V, no século XVI, Luiz XIV, no século XVIII, Napoleão, no sé-

culo XIX e outros depois dêles, quiseram, na Europa, um novo império universal, mas fracassaram.

A cada um dêles poder-se-iam aplicar as palavras sapientes de Vitor Hugo, com referência ao fracasso de Napoleão: — «Estorvava a Deus».

Vêmos assim que estas breves citações das Escrituras lançam por terra todo o poderio dos maiores imperadores e mais notáveis gênios.

E nos tempos que correm, a história se repete: Qual o objetivo dos mandatários das últimas guerras que assolaram o planeta, os facistas, os nazistas, comunistas, etc.? — o predomínio do mundo, pela prepotência e pela fôrça das armas.

6 — A época dos pés de barro

Graças aos desígnios de Deus, os grandes impérios representados pelo ouro, pela prata, pelo bronze, e pelo ferro, não existem mais. A sua lembrança funesta está apenas na História; pertencem ao passado. Na marcha da história, onde estamos presentemente? Nos pés da estátua simbólica, mistura de ferro com barro de oleiro. Ou em outros termos, encontramo-nos na derradeira etapa da história humana, na época dos pés de barro, onde tudo é frágil e oscila assustadoramente. Será, porventura igualmente exata, no que se refere aos acontecimentos que se anunciam para futuro próximo, em que uma grande pedra arrancada do monte, sem intervenção da mão do homem, tudo demolirá?

E' o que veremos, no próximo trabalho.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd. — Estáveis obsedando-a. Sois egoista e, para satisfazer o vosso vício, levaste-a a fazer o que não devia. A falta foi vossa, não dela. Já lestes a Bíblia?

Esp. — A Bíblia?

Méd. — Lembrai-vos de que Jesus expulsou eepíritos impuros? Sois um de tal espécie.

Esp. — (Olhando para as mãos). Estes aneis não me pertencem. De quem são eles?

Méd. — Não reconheceis estas mãos?

Esp. — Não. Eu devo ter encolhido muito. Podemos ser hipnotizados de vários modos; talvez seja isto. Ou então porque bebi muito pouco e é melhor beber mais uisque; apenas uns goles. Estou vendo mal. Dai-me um pouco dele e seremos amigos. Um copo apenas e tudo estará bem. Pode ser?

Méd. — Se não quereis compreender, tereis que sair daquí.

Esp. — Não podeis expulsar-me daquí e não há muitos homens que possam fazê-lo. Sou muito forte, se quereis ver.

Méd. — Não queremos ver coisa alguma.

Esp. — Posso lutar com qualquer um. Já fiz isto muitas vezes. (Arregaçando as mangas) E' melhor ir vos preparando.

Méd. — Porque não quereis prestar atenção ao que vos estamos dizendo? Sois invisível a nós.

Esp. — Não podeis ver-me?

Med. — Já não tendes mais corpo físico. Este não é vosso.

Esp — Não é? (Tentando lutar). Dai-me algo para beber!

Méd, — Não sentis vergonha do que estais fazendo?

Esp. — Porque sentir vergonha? Tudo o que peço é um pouco de bebida.

Méd. — Não compreendeis a vossa situação?

Esp. — Porque não falastes com aquela senhora para esperar um minuto? (A paciente partira depois do tratamento). Ela foi embora. Porque motivo? Dizei-lhe para esperar um instante.

Méd. — Deveis ter todo o cuidado para não importunardes a outras pessoas.

Esp. — Ela é uma senhora muito boa. Quando eu queria uisque, tinha sempre dinheiro pronto e o comprava para mim.

Méd. — Mas isto não acontecerá mais.

Esp. — Não estou só, tenho muitos outros comigo.

Méd.—E todos eles querem beber?

Esp.—Sim.

Méd.—Estáveis todos arruinando a vida daquela senhora. Bebieis por intermédio dela. Obsedando-a, fazieis beber por vós.

Esp.—Quereis vos referir áquela senhora alta e gorda? Ela tem um coração de ouro. Está sempre pronta a agradar-me. Passamos bons tempos juntos, belos tempos. (Rindo-se)!

Méd.—Mas isto tudo já acabou. Achais que é uma coisa direita dominar a vida de uma senhora e fazer dela um bêbedo?

Esp.—Não sou bêbedo. Posso andar direitinho. Tenho juizo. Já bebemos juntos muitas vezes.

Méd.—Isto não é coisa de quem tem juizo. Procurai verificar que sois um espírito invisível e que já perdestes o vosso corpo físico. Estamos agora em 1923. Morrestes provavelmente há muito e estivestes, desde então, penando na esféra terrena.

Esp.—Mas agora eu quero beber alguma coisa.

Méd.—E' isto o que chamais de vida boa?

Esp.—Foi mesmo uma vida boa!

Méd.—Mas estáveis arruinando a vida daquela senhora.

Esp.—Não estava fazendo tal coisa.

Méd.—Quando querieis uisque, fazieis aquela senhora beber por vós.

Esp.—Não fazia isso; eu mesmo é que bebia.

Méd—Sim, mas por intermédio dela. Não sejais tão inocente. Fazieis com que ela bebesse uisque por vós.

Esp.—Bem, mas era ela quem tinha dinheiro! Já não ganho nenhum.

Méd.—E' direito influenciá-la para satisfazer ao vosso desejo? Vossa mãe vos ensinou tal coisa?

Esp.—Minha mãe já morreu há muito tempo.

Méd.—Suponde que vossa mãe viva ainda. Gostarieis de vê-la vítima de um espírito errante?

Esp.—Não sou espírito errante.

Méd.—Gostarieis de ver a vossa mãe cercada por uma multidão de espíritos errantes, que a fizessem beber? Isto vos farieis feliz?

Esp.—Ela não faria isso. Aquela senhora é muito boa. Apenas compra uisque para mim.

Méd.—Sim, e vós bebeis por meio dela.

Esp.—Quem bebe sou eu.

Méd.—Sim, mas dominando a Sra. V., assim como estais usando o corpo desta senhora.

Esp.—Não estou me utilizando do corpo de ninguém. Só quero um pouco de bebida.

Méd.—Sêde razoável. Este corpo não é vosso.

Esp.—De quem é então?

Méd.—E' de minha esposa. Ela é um médium por intermédio de quem os espíritos podem falar a nós mortais.

Esp.—Pode ela tomar um copo comigo? Pode?

Méd.—Não!

Esp.—Convidarei todo êste pessoal.

Méd.—Penso que não tendes dinheiro.

Esp.—Sempre consigo dinheiro com aquela senhora.

Méd.—Mas ela não está mais aquí.

Esp.—Então vós o arranjareis e eu convidarei o pessoal. Vinde comigo, todos. Pagarei para todos.

Méd.—Pagava aquela senhora com dinheiro ganho por vós?

Esp.—Ela é muito boa. Há um outro homem que a ajuda a pagar.

Méd.—E' o marido dela.

Esp.—Marido?

Méd.—Sim, marido. Fizestes daquela senhora uma escrava do vosso desejo e obrigastes-a a beber. Suponde que era à vossa mãe que tal coisa fazieis.

Esp.—Minha mãe?

Méd.—Sim, pensai bem nisto. Suponde que alguém fizesse vossa mãe beber. Como vos sentirieis? Ou então à vossa irmã?

Esp.—Elas sabem se portar.

Méd.—Vossa conduta é uma coisa correta?

Esp.—Sou um bom rapaz e sempre gostei de estar em companhia de mulheres. As mulheres têm sido sempre os meus melhores amigos. Têm sempre dinheiro e estão prontas a gastá-lo.

Méd.—Agora prestai-me atenção. Perdestes o vosso corpo físico provavelmente há muitos anos. Quem era, na ocasião, o Presidente?

Esp.—Não sei, não consigo recordar-me.

Méd.—Era Lincoln?

Esp.—Não, foi há muito tempo.

Méd.—Cleveland?

Esp.—Não.

Méd.—Mc Kinley? Arthur?

Esp.—Ele foi Presidente há muitos anos.

Méd.—Lembrai-vos do Presidente Wilson?

Esp.—Wilson? Nunca ouvi falar nele.

Méd.—Não vos lembrais então da grande guerra européia, com vinte e três nações lutando?

Esp.—Não quero saber destas coisas; eu quero é beber. Estou ficando cada vez com mais sêde. Não quero saber de guerra. Se êles querem se matar uns aos outros, que tenho com isso? Se querem isso, que continuem.

(Continua)

A Psicanálise Espiritualista e a Educação Cristã do Soldado

João Augusto Tôrres Bandeira
(Ex-Diretor do Hospital Psiquiátrico Pedro de Alcântara).

«Se a religião se recusa a caminhar com a ciência, a ciência caminhará sozinha».

«A religião ganha autoridade acompanhando a ciência em seus progressos». Allan Kardec—Obras Postumas.

«Aquele que não confessa as suas maldades não prosperará; aquele que as confessa e abandona, receberá misericordia».

A Psicanálise, tambem chamada Metapsicologia, Psicologia Abissal, Psicologia de Profundidade, Psicosomática ou Psicologia do Inconsciente, é uma doutrina antropológica fundada em 1893 pelo médico austriaco Sigmund Freud, nascido na Morávia a 6 de Maio de 1856 e falecido em Londres a 23 de Setembro de 1939.

Esta doutrina concebe o homem formado de corpo e alma; a alma, segundo ela, é constituida de 4 partes: 1.º o inconsciente, id, perispírito ou pulsórium; 2.º o consciente, ego, eu, espírito ou actorium; 3.º o superconsciente, super-ego, senso moral ou razão superior; 4.º a força vital, que liga estas partes tôdas, chamada libido. Em síntese a alma freudeana é comparavel a um sanduiche de queijo perfurado por um palito. Uma banda do sanduiche é o inconsciente, a outra é o super-ego, o queijo é o ego e o palito que segura tudo é a força vital ou libido. Esta nomenclatura original fez com que muita gente deixasse de compreender a doutrina psicanalítica. Com o exemplo do sanduiche, embora grosseiro, podeis ver que a concepção de Freud é igualzinha a de Kardec. O que em Freud é inconsciente, id ou pulsorium, em Kardec é corpo astral ou perispírito; o que em Freud é ego, eu, consciente ou actorium, em Kardec é espírito; o que em Freud é super-ego, super consciente ou suasorium, em Kardec em senso moral ou razão; o que em Freud é libido, em Kardec é força psíquica, fôrca vital, fôrça magnética. Kardec dizia que a força vital gerava-se nos orgãos, sendo assim uma espécie de eletricidade animal; Freud diz a mesma coisa; Kardec diz que o perispírito é formado pelo fluido universal ou cósmico; Freud diz que não sabe donde êle vem nem de que é constituido; Kardec diz que o espírito é eterno, vem de reincarnação em reincarnação, aperfeiçoando-se cada vez mais; Freud acha que o espírito (ego) se forma no momento da concepção como admitem as igrejas católica e protestante e que não é imortal nem se reincarna; Kardec diz que a razão ou senso moral é a mais alta faculdade da alma; Freud diz a mesma coisa. Não se pode dizer que Freud seja materialista, porque êle admite a existência da alma. A preocupação máxima de Freud é tornar o homem feliz na terra sem se preocupar com o céu. Da leitura de seus livros, conclui-se que êle devia ler diariamente o *Eclesiastes*, porque,

em suas entrelinhas, estava sempre advertindo o homem de que é pó e em pó se tornará. Para a vida atual, a vida presente, a psicanálise é mil vezes superior ao Espiritismo, ao catolicismo, ao protestantismo, ao ortodoxismo e ao existencialismo, isto é a todas as seitas derivadas do cristianismo. Para a vida futura, ela é cem mil vezes inferior ao espiritismo, porque nenhuma consolação dá ao homem, nenhum confôrto lhe fornece quando tem de transpôr os humbrais do além.

Por esta razão, formou-se no moderno espiritualismo uma corrente psicanalista que, admitindo a existência de Deus, a imortalidade e a reincarnação do espírito, procura tirar da doutrina freudeana o maior proveito possível afim de apressar a evolução de nossa alma.

Sigmund Freud, homem de uma conduta irrepreensível, não inventou a psicanálise da noite para o dia. Levou mais de vinte anos elaborando a doutrina. Para isto viajou muito. Esteve em Londres, em Paris, em Berlim, em Roma, nos Estados Unidos. Trabalhou na clínica de Charcot em Paris e na de Bernheim em Nancy. Leu tudo quanto se escreveu na Europa e nos Estados Unidos sôbre psicologia. Quando esteve na América assombrou os yankees com os conhecimentos que revelou sôbre os trabalhos de Stanley Hall, William James e muitos outros. Fez milhares de observações nos hospícios, nas clínicas, na sociedade, nos aglomerados escolares e estudantís, nas procissões, em tôda a parte em suma onde houvessem sêres humanos entusiasmados, emocionados, neuróticos, desequilibrados, desajustados.

A doutrina sofreu ataques terríveis em todos os países. Não era para menos. Ela ensina a conhecer o homem por mais disfarçado que êle se apresente e ninguém gosta de mostrar seus defeitos. Esqueceram que ela ensina a arte de corrigir êstes defeitos e, acima disto, a arte de transformar feras em deuses. Mas atacaram-na. Atacaram-na porque no início Freud cometeu um êrro, julgando que a libido era uma fôrça fundamente sexual. Freud reparou mais tarde o engano, mais ainda assim continuou sendo atacado. Hoje só um retardatário ataca a psicanálise. A corrente espiritualista tomou conta do terreno e atualmente se fala mais em Pfister, em Jung, em Steckel do que em Freud. Graças a Deus.

Fenômenos de Materialização

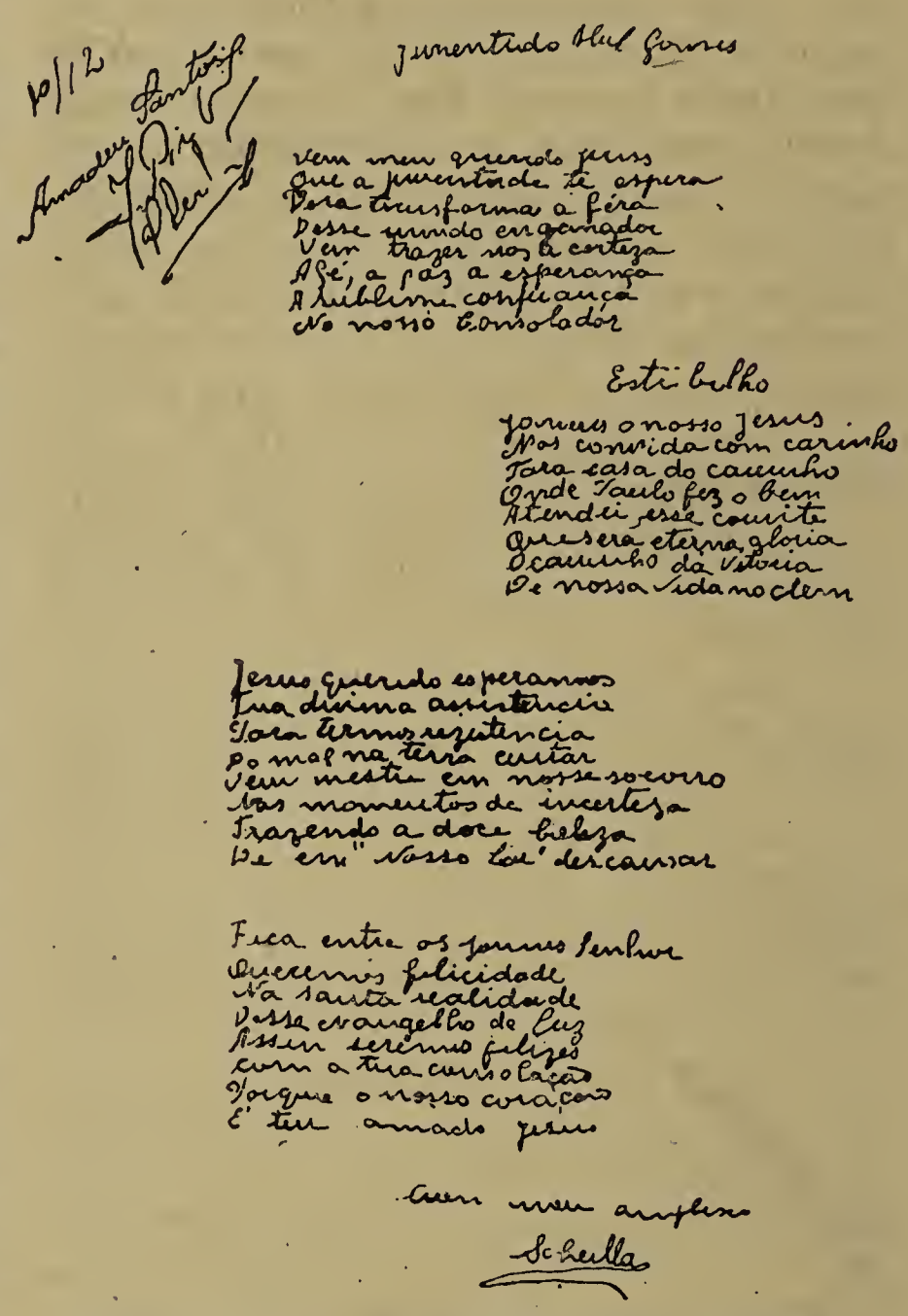
XX

Sessão extraordinária, de 4.ª feira, dia 10, de dezembro. Scheila, na reunião de diretoria, de domingo, sete, manifestara o desejo de brindar a Juventude Espírita «Abel Gomes», que ia comemorar, no dia 21, o seu primeiro aniversário, com um hino, a diretoria resolvera marcar uma sessão especial, visto como o médium Lins estava escalado, nos serviços de sua profissão, tanto na noite de terça como na de sábado, não havendo tempo, portanto, de se fazer uma sessão de efeitos físicos com tempo de a juventude ensaiar o referido hino para ser cantado na aprazada solenidade, o que realmente aconteceu.

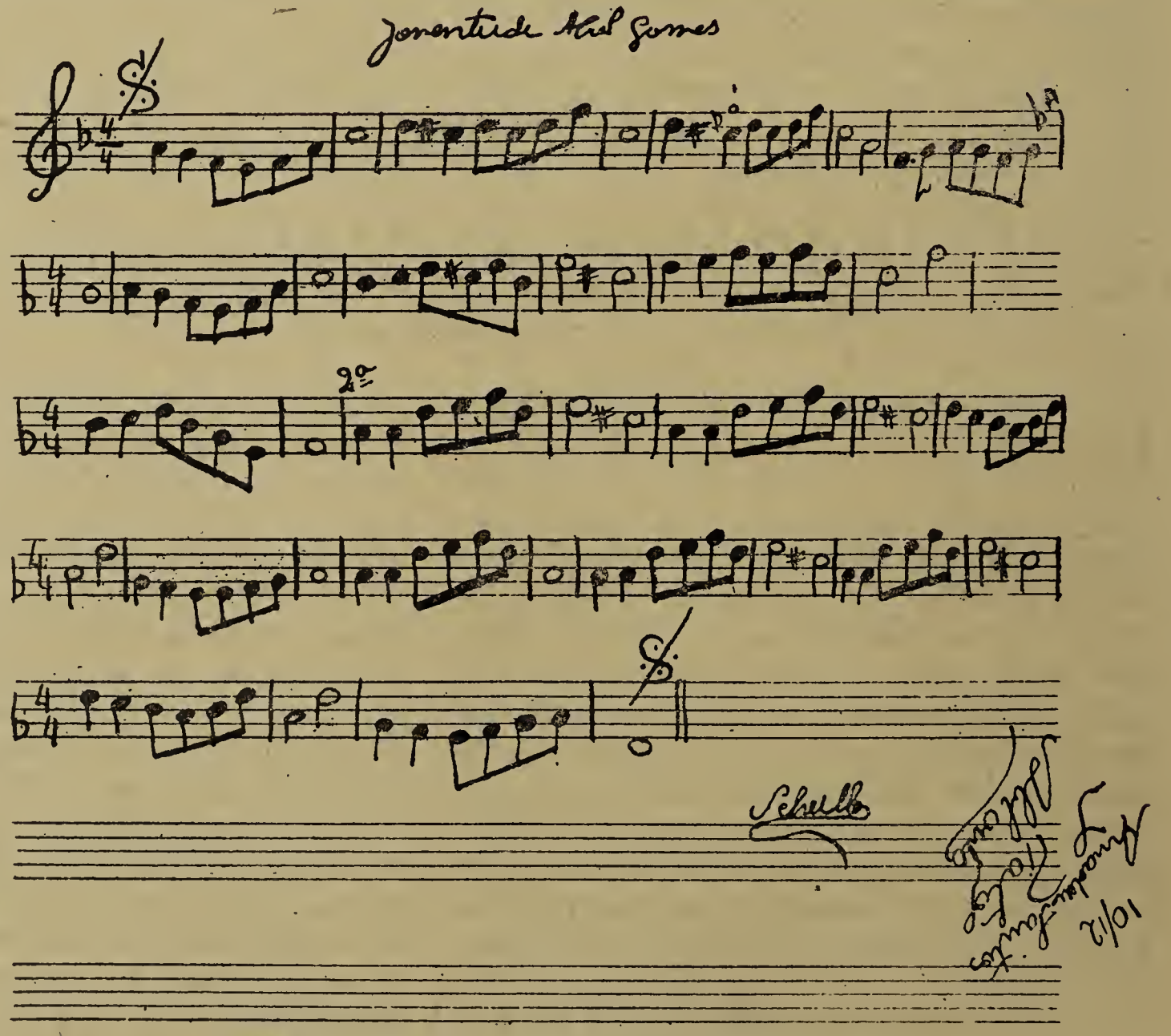
Coube-me a direção dos trabalhos. Inicialmente dirijo a palavra aos companheiros presentes para apresentar-lhes o venerando confrade Alberto Gonçalves de Barros, de Valparaiba, Estado de S. Paulo, cuja presença nos nossos trabalhos havia sido permitida anteriormente. O aludido irmão, respeitado e benquisto de quantos teem o prazer de conhecê-lo, chefe de numerosa prole espírita, de que fazem parte a Nely, presidente da Juventude Espírita de Valparaiba e o Newton, presidente do «André Luiz». Em seguida é cantado o hino «Obreiros de Jesus» e feita a prece inicial, depois do que declaro aberta a sessão. Não se fez, nesta noite, nenhuma leitura. Concentrados os nossos pensamentos, recebemos uma mensagem substanciosa de um amigo da espiritualidade. O médium Lins recolhe-se

ao gabinete onde seria, antes da produção de quaisquer fenômenos, assistidos pelos nossos guias espirituais, uma vez que êles o consideraram carente dessa assistência, nesta noite, dado o seu precário estado de saúde e a irregularidade de sua alimentação. Porisso os fenômenos tardaram. Foram colocadas algumas tiras de papel, devidamente rubricadas por mim, pelo Major Ismael Pinto e pelo confrade Alberto de Barros. Apagadas as lâmpadas, ficámos às escuras durante algum tempo, orando, cantando hinos e tecendo comentários acerca de palpitantes pontos do Evangelho de Jesus. Ouvem-se então várias vozes. Falam-nos, alternadamente, José Grosso, Nina, Scheila e Garcês. Os espíritos mandam acender a pequena lâmpada. Recomendam que a apaguemos, depois, e abramos a porta por onde nos vem ar e claridade. Ouve-se, nitidamente, o barulho que os espíritos fazem ao tocar e escrever nos papeis. O José recomenda coloquemos duas cadeiras no centro da sala, nas quais manda se assentem os nossos irmãos Ernesto e Ismael. Garcês materializado, vem assisti-los, ministrando-lhes passes e passando um desconhecido óleo na perna doente do Ernesto. Cantam-se hinos e proferem-se preces.

Scheila materializa-se, atravessa a assistência e vem junto á presidência, acariciando-me com extrema efusão, provocando-me uma emoção potente, secundada de indefinível bem estar. Agradeço-lhe, com lágrimas nos olhos e alegria no coração, essa sublime prova de apreço e levanto o meu pensamento a Jesus, numa emotiva prece de reconhecimento. Lenice Teixeira Dias, comenta com felicidade, o



Letra do hino «Juventude Abel Gomes»



Música do hino «Juventude Abel Gomes»

o ponto evangélico da sua meditação do dia. São feitas preces pelas nossas irmãs Maria José Leite, Maria Emilia Castelo Branco e Deyse Jenée, em que são envolvidos os irmãos doentes e os companheiros ausentes. Dulce de Fátima Oliveira declara a máxima evangélica de sua meditação — «Não saiba a vossa mão esquerda o que dá a vossa mão direita» — que o Prof. Newton comenta, dela tirando oportunas e superiores deduções.

O espírito de Margarida confabula com o seu esposo, nosso companheiro Afonso Pinto da Fonseca, derramando-lhe finissimo perfume, a dizer-lhe que desejava que sua alma viesse a ter perfume igual ao que lhe trouxera. O Fonseca, emocionado, faz uma prece de agradecimento. José Grosso, por voz direta, anuncia-nos a visita de uma nova entidade espiritual — o espírito de um japonês chamado Tongo, que nos deixara uma mensagem no seu idioma pátrio. Anuncia-nos ainda que Scheila nos deixara a letra e música do hino destinado á nossa Juventude.

Araci previne-nos de que chegámos a têrmo. Recomenda vá eu despertar o médium, o que fiz depois de proferir a prece final e declarar encerrados os trabalhos.

Agora, a mensagem em japonês, cuja tradução literal é a seguinte :

«ANDRÉ LUIZ
Fala pouco, pensa muito,
Sobretudo faze o bem ;
A palavra sem ação
Não esclarece a ninguém.

Casimiro Cunha.

Tongo.»

Como se vê, uma quadrinha do saudoso poeta nacional Casimiro Cunha, conhecida e divulgada nos meios espíritas, que Tongo transplantou para o japonês.

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1947.

Amadeu Santos.

Quadrinha que Tongo transportou para o japonês

Uma Mensagem Tiptológica em Francês

O modo dos espíritos se comunicarem por meio de pancadas, chama-se *tiptologia,* (1) e a pessôa que tem esse poder — *médium tiptólogo.*

As primeiras manifestações, revelando a existência dos espíritos, se produziram por meio de mesas que se erguiam e davam certo número convencional de pancadas com um dos pés. Os espíritos são os mais devotados divulgadores da doutrina que possue o seu nome. De todas as partes surgem *médiuns* que vêm servir de porta-vozes ou traço de união entre as entidades que habitam no além-túmulo e os encarnados.

Este processo de intercâmbio das relações entre os espíritos e os homens, é tão velho quanto o mundo, porque na história de todos os povos abundam os registros de casos *essencialmente* espíritas, mormente desta natureza. O fenômeno obedece a uma lei que abrange todo o planeta por

(1) *(Do grego* — tuptô, *eu bato, e* — logos, *discurso.)*

esse motivo os fatos espíritas se reproduzem sempre idênticos, em suas manifestações, originem se êles do Japão, do Brasil, da Itália ou de outro paiz qualquer.

Sucede com o *médium* brasileiro, o mesmo que com o *médium* inglês, italiano, francês, russo ou de qualquer outra potência do universo.

Há, portanto, concordância universal na realização dos fatos, submetidos a um conjunto de condições, constituindo uma lei que só póde ser divina.

O coordenador da doutrina espírita, o «inesquecível Allan Kardec, como muito bem o qualificou Emmanuel, foi muito feliz, quando no «Evangelho Segundo o Espiritismo», disse: a garantia única, eficaz, do ensino dos espíritos está na concordância que existe nas revelações feitas expontaneamente, por intermédio de grande número de *médiuns* estranhos uns aos outros, em diversos paizes.»

O fato que segue é um desses que tem atraido a atenção dos homens de fama mundial, narrado pelo ex-venerando Stainton Moses, que fora professor da Universidade de Oxford, caso interessante de *tiptologia*, ocorrido em casa de um amigo seu, o dr. Speer.

E' assim que um confrade nosso — Fraumer, o traduziu do livro «*Spirit Indentity*»: «Stainton Moses refere que em casa do dr. Speer tiveram uma mensagem *tiptológica* em francês, de um espírito que se declarava irmã do dr. Speer falecida em França com tenra idade. Stainton Moses nunca ouvira falar dela e o dono da casa confessou que desta irmã de nome Catarina, morta antes de seu nascimento, êle jamais se lembrara. Este espírito manifestava-se insistentemente no círculo formado pelo escritor *médium*, pela família e íntimos do dr. Speer. Este sendo fotografado por Hudson, ao lado de sua figura a placa revelou a imagem de uma menina cujos traços sairam da maxima nitidez. No dia seguinte, um domingo, Moses caiu em transe e pancadas fortes na mesa, deram uma comunicação alfabética, convidando o dr Speer a procurar no gabinete uma mensagem de escrita direta que lhe era dirigida. Um papel foi encontrado, cheio de traços hieroglíficos. Já perdiam a esperança de entendê-lo, quando se lembraram de refletir a escrita em um espêlho. A mensagem estava feita às avessas e de baixo para cima.

Eis sua tradução:

«Eu sou o espírito do amor. Eu não posso comunicar, porém estou perto. A fotografia é da pequena Paulina».

Ninguem conhecia Paulina e feitas as perguntas ela deu o seguinte nome: Catarine Pauline — Stanhope — Speer, a data do nascimento e data da morte.

Tudo isto que êles ignoravam foi verificado exato».

A tiptologia, hoje, é pouco usada nos meios espíritas, por ser um processo demorado na formação das palavras; ela é substituida, com mais vantagem, pela *Psicografia* direta ou manual, que é muito mais rápida.

Spártaco Banal.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00

Livros e Autores

Cedemos, hoje, com muito desvanecimento para nós, esta secção aos ilustres confrades, M. Quintão e A. Vitor Magaldi.

Mas, cedendo-lhes esta secção, nela estamos presentes, visto como ambos — duas penas respeitáveis no meio espírita nacional — tratam de nosso último volume, para honra e gaudio nosso.

Leopoldo Machado

CIENTISMO E ESPIRITISMO

> «*A verdade será sempre* paucorum hominem, *e por isso tem de, calma e modestamente, esperar pelos poucos que, discordantes da regra, saibam aprecia-la*» ...
>
> Artur Schopenhauer.

Na opulenta coletânea de mensagens mediúnicas recebidas pelo notável psicógrafo luso, Fernando Lacerda, ao amanhecer deste século e intitulada—«*Do País da Luz*», ha uma página cintilante do Eça de Queiroz que nos fala dos apuros alfandegários da sua bagagem literária nas fronteiras do Além-Túmulo.

Em *Entre Dois Mundos*, de Antoinette Bourdin, a espírita de Ludovic Manoel, em transe mediúnico, descreve à genitora um quadro alegórico, no qual os autores terrícolas, desencarnados, assistem a seleção, depuramento e frutificação das sementes que espalharam deste lado: — as que germinam vigorosas, crescem e frondejam pejadas de suculentos, vitaminados frutos; as que vingam olentes e floridas, mas, venenosas qual mancenilha; e finalmente, as que não chegam a germinar, porque resvalam e apodrecem no lodo.

Os plumitivos, no topo de uma colina, lapis em punho, anotam, angustiados ou serenos, o que lhes incumbe de futuro refundir, melhorar, inovar ou expurgar do seu celeiro. Porque o celeiro é eterno e a tarefa contínua. A reencarnação é um facto e a lei é progressiva.

* * *

Considerações são estas, que me defluem da mente à pena, ao manuseio de mais um livro de Leopoldo Machado, caro confrade e velho amigo, que estou a pique de proclamar *cinturão de ouro* na maratona da propaganda doutrinária em nosso país.

Polígrafo e polimático, na vera acepção da palavra, Leopoldo é de uma atividade e facundia assombrosas, que parecem arrazar a noção de tempo, espaço e meio. Houveramos de o fixar iconográficamente e teriamos Briareu a investir as Colunas de Hercules.

Professor, orador, novelista, poeta, teatrólogo, não sei de outrem que mais exuberado na faina de propagar o Evangelho à luz da Terceira Revelação. Exemplo típico de autodidatismo, é interessante notar que, forrageando os mais árduos problemas epistemológicos, êle o faz com agilidade, precisão, naturalidade e segurança, só concebíveis em lastros de velha e sedimentosa cultura.

Fenômeno é este de molde a suscitar ponderações de mais alto teor filosófico, quanto a gênese, coordenação e transmissão da idéia. De facto, não ha como destrinçar, por lindar, nesta avalanche de teorias e conhecimentos, definições e conceitos, a espontânea, natural e próprio da conciente, do sub ou da super-consciente humano.

E' porque, em dinamismo assombroso tal, só encontramos paralelo na obra de Francisco Xavier, queremos coligir que a de Leopoldo também não se desquita da maior tara mediúnica, inconsciente embora.

E não se diga que assim a infirmamos e desmerecemos, porque em tudo prevalece o Evangelho do Senhor, quando asserta que — *digno é o trabalhador do seu salário.*

E ainda porque, no granjeio de uma assistência espiritual de translúcida equação, não ha como desconsiderar no receptor um sólido cabedal, latente de madureza, ou seja de aquisições progressas.

O valor apreciável da tarefa, portanto, nêste caso, no *animus operandi* do artífice, a esmar-se pela utilidade, alcance, oportunidade e projeção do seu trabalho.

Neste afã, investindo Freud ou Vo-

ronof, adversando o Dr. H. Roxo ou comentando Comte, Leopoldo supervisiona e condensa, com evidente senso crítico, os mais altos problemas que já preocuparam esta nossa precita humanidade pensante.

Sem malabarismos fraseológicos, sem ruminação de citas indigestas, num estilo hialino, muito seu, não visa, certa, consagrações tempestivas, de ribalta, ilusórias quanto efêmeras e até perigosas.

E' que ele sabe como e porque dizia o Mestre *nada fazer de si mesmo, se não por vontade do Pai que está nos céus...*

* * *

Eis porque, agradecendo e registrando a oferta de mais um livro de sua lavra, despreza epinícios e loas, para só fazer justiça ao seu indefesso e probo labor.

Trata-se de CIENTISMO E ESPIRITISMO, editado em Lisbôa pela Gráfica Portuguêsa Ltda., com substancioso prefácio do ilustre confrade Isidoro Duarte Santos, também diretor emérito da excelente revista «ESTUDOS PSÍQUICOS», altamente cotada em nosso país.

Com magnífica impressão gráfica e cuidadosa revisão, condensa em 222 páginas, 32 capítulos de assuntos versados na imprensa periódica e assim agora coletados em livro, ao socairo de possível esquecimento e dispersão.

De acôrdo com o provecto prefaciador, não caberia aquí apologizar cada um dos assuntos, para que o leitor os saboreie e julgue a todos de si mesmo.

Limito-me a dizer que todos polarizam problemas de alto relêvo científico-filosófico e moral-religiosa, estilizados a preceito da sadia hermenêutica e bôa ética.

E, se a requesitos tais acrescentar que o autor não escreve para mercantilizar idéias e sim para beneficiar o LAR DE JESUS, Instituto de Filantropia Cristã, que é a «menina dos seus olhos», não lhe hão de faltar leitores nem bençãos, dêste e do outro lado da vida.

A mim, que o conheço de ha quasi sete lustros e de perto o venho acompanhando na concha doutrinária, só cabe pedir a Deus que o leve à *Coluna simbólica,* entre os legítimos escribas, sem arrostar no fisco os percalços do confisco, que decepcionaram o mago dos «*Maias*», da «*Relíquia*» e quejandas jóias de «bagagem avariada...»

Que, de MESTRES EM ISRAEL, vai nosso mundo obstruido e empanturrado, Deus me perdôe.

M. Quintão.

* * *

O MELHOR LIVRO?

Vem de Portugal o novo livro de Leopoldo Machado.

CIENTISMO E ESPIRITISMO é o caçula. Nascido com todas as características marcantes do consagrado autor das mais palpitantes e sinceras polêmicas espíritas em língua portuguesa: frazeado genuino, argumento irretorquível, mordacidade alegre, análise simples e meridiana, síntese inegualável, irreverência santa em linguagem natural, sem sombra de rebuços e isenta de qualquer preconceito, crítica aberta, ferina e lhana a um só tempo, abrangendo tudo e todos.

CIENTISMO E ESPIRITISMO foi editado pela «ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA», de Lisboa, dirigida pelo eminente escritor português, mundialmente conhecido, Isidoro Duarte Santos, autor do melhor livro espírita de Portugal, que é LUZ NO CAMINHO, tão recente e tão difundido no Brasil. E foi editado por essa editora em Portugal por êste honroso motivo, — honroso para Leopoldo Machado e para o Brasil Espírita — por ser, como declarou, no Pórtico de Entrada o próprio Isidoro Duarte Santos, «a melhor maneira de colaborar nesta empresa de aproximação fraternal», do intercâmbio espírita luso brasileiro, de que êle diz ser Leopoldo Machado extremado partidário.

A escolha não poderia recair em melhor autor. Leopoldo Machado representa, de forma mais cabal, o Espiritismo brasileiro, como escritor e como espírita praticante.

O nosso Espiritismo é diferente do Espiritismo de todo o mundo. E para representá-lo só mesmo um escritor diferente de todos os mais escritores espíritas. Só mesmo um Leopoldo Machado, ex-materialista ferrenho, possuído de todos os atavismos do brasileiro, evoluido ao contacto de todas as classes sociais e provado por todas as adversidades da vida, chegado ao que é, por fôrça indomável do seu espírito reacionário.

Que bôa escolha!

E, si a escolha do autor foi bôa, a obra do autor foi de escolha ainda mais

acertada. Obra que não é de sábio nem de cientista, como Leopoldo declarou na Ressalva.

Mas, si não é de sábio e de cientista, o que valem a ciência e os cientistas arrasados pelo autor, irremediavelmente ridicularizados, reduzidos a menos do que irracionais?

Que admiráveis páginas constituem CIENTISMO E ESPIRITISMO! Nelas, palpita a complexidade genial de Leopoldo Machado ao nosso gosto; polemista incomparável, esplendendo luz e calor em cada arremetida, cheio de fé e transbordante de ardor na defesa da Doutrina que o empolga racional e medularmente. Profundo até onde se faça mister intrometer-se para arrancar a verdade de lá.

E' assim que o sentimos nas páginas substanciosas de CIENTISMO E ESPIRITISMO. Discutindo com os sábios, escalpelo intemerato, vai pelos meandros da ciência dêste século atômico, entre psiquiatria e esquisofrenia, metapsiquismo e vitaminismo, vivisecção e onirismo, higiene e voronofismo, endocrinologia e obsessão, mediunidade, etc.

Cita centenas de autores e compara suas teorias com o Espiritismo.

Detem-se de modo especial no estudo comparado da Psicanálise e da Doutrina Espírita. E sái como uma tocha ardente, iluminando a vitória do Espiritismo sôbre todas as teorias discutidas!

Será o melhor livro de Leopoldo Machado? Ou será o melhor livro dos nossos dias?

A. V. Magaldi.

Crônica Estrangeira

Galeria dos fantasmas ingleses

A Inglaterra goza há muito dum verdadeiro monopólio de cavaleiros sem cabeça, damas translúcidas, e cachorros ectoplásmicos que vagam em passos aveludados.

«Seleções» — Por Noel F. Busch

(Condensado de «Life»)

Um número recente de *Evening News*, de Londres, estampava a seguinte notícia: «Herne o Caçador, o espetro que durante muito tempo assombrou, ao que se diz, a floresta de Windsor, parece ter voltado, segundo afirma uma mulher que mora nessa redondeza. Diz ela que, ao atravessar uma noite a floresta, já tarde, avistou de repente a forma espetral dum homem a cavalo: «O fantasma estava parado a menos de dez metros de mim, e quando eu me aproximei, partiu a galope através do arvoredo, soltando uma gargalhada macabra. Ao sumir na escuridão, ainda pude ouvir o som da sua trompa de caça.» *

Dizer apenas que os ingleses acreditam em fantasmas, seria muito pouco: deve-se dizer, com muito mais propriedade, que a Inglaterra tem fantasmas, da mesma maneira que outros paises têm cupim. Os resultados são mais ou menos os mesmos. Esses espetros infestam as casas velhas, rebaixam o valor da propriedade, e é dificil a gente ver-se livre deles. Depois da última guerra, então, nem é bom falar; parece que os fantasmas ingleses vêm gozando duma prosperidade sem precedentes! Por toda a Inglaterra estão surgindo, em grande número, estes fantasmas solitários, do tipo de Herne. Mais dignos de nota são, porém, as autênticas insurreições em massa de almas do outro mundo, no gênero da que, não há muito ainda, observou o Reverendo Anton Stephen, ilustre pastor de Saint Dunstan, em Acton, na sua mansão paroquial: toda uma tropa de monges desfilando em procissão, ali sob os próprios olhos, no silêncio da Reitoria!

A imprensa inglesa tem publicado, repetidas vezes, notícias de graves distúrbios ocorridos na reitoria de Borley, no Essex, a qual é sem dúvida, a casa mais mal-assombrada da Inglaterra. Entre os muitos fantasmas que povoam Borley, contam-se dois postilhões descabeçados, uma freira, dois cavalos baios atrelados a um coche, e uma senhora que brada nu-

---

* *Segundo a lenda, êste Herne foi guarda-florestal na região, sob o reinado de Henrique VIII. Um dia enforcou-se no ramo dum carvalho, e desde então, ao que consta, tem assombrado intermitentemente a floresta de Windsor.*

ma voz de cortar o coração: «*Não, Carlos não faça isso!*» Esta reitoria de Borley foi construída no ano de 1863. Todas as pessoas que viveram na reitoria, puderam observar a presença de almas de outro mundo, até que um incêndio a consumiu em 1939. O que é mais curioso é que êste incêndio fora previsto por uma dama habil no manejo de um tabuleiro mediúnico. Uma bela noite, uma pilha de livros cai da prateleira, por sua própria vontade, derrubando um candieiro de querosene. Durante o incêndio alguém viu dois vultos indistintos espiando através duma janela da reitoria, e dois outros vultos envoltos em mantos roçagantes, que atravessaram em passos lentos o jardim.

Os espetros se estabeleceram na Inglaterra na Idade-Média, mas só assumiram papel de evidência em fins do século XVIII, no que foram muito auxiliados pelos romances de inspiração gótica de Walpole e Radcliffe. Mais tarde, Scott, Dickens, e já em nossos dias Oliver Lodge e Conan Doyle, contribuiram denodadamente para transformá-los em membros respeitáveis da sociedade inglesa, como aliás o fez também o Ghost Club (Club dos Fantasmas), fundado em 1862, que está voltando agora ao seu esplendor de outros tempos.

O mais famoso dos fantasmas das ilhas britânicas é, sem contestação, o espetro do Castelo de Glamis, onde a Rainha Elizabeth passou a infância. Ao que parece, êste fantasma tem sido observado por um *quorum* suficiente de todos os hóspedes que jamais pernoitaram no castelo, e assume em muitos casos a forma aterradora dum gigante de cabelo de fogo.

O fantasma de Glamis será o mais famoso de todos; mas do ponto de vista da assiduidade, ultrapassa-o o célebre espetro de Catarina Howard, que foi decapitada por ordem de Henrique VIII, quando êste obteve provas de que ela lhe havia sido infiel. Presa por ordem dele, a pobre conseguiu fugir aos guardas, tentando ir à presença do seu Rei e Senhor para dar-lhe explicações, mas foi prontamente recapturada pelos soldados, que apesar dos seus gritos e protestos a arrastaram para longe. O fantasma de Catarina volta, de tempos em tempos, a arrastar-se ao longo do mesmo corredor do Palácio de Hampton Court, soltando os mesmos gritos de arrepiar.

Outro fantasma, o do Teatro de Drury Lane, é famoso por diversas razões. Ele só passeia à luz do dia; e nunca prega sustos a ninguém. Tem sido observado por milhares de pessoas, inclusive todos os espectadores que uma tarde enchiam o teatro, segundo dá fé o eminente historiador de Drury Lane, W. MacQueen, que fala de experiência própria. O fantasma de Drury Lane é um cavalheiro de estatura mediana, que enverga um comprido capote cinzento, e usa um chapéu de três bicos.

O mais sedutor de todos os fantasmas ingleses, segundo o insuspeito depoimento dos três moradores atuais da casa n.º 2 de Cambridge Square, é o de Lady Hamilton, a celebrada amante de Lord Nelson. Lady Hamilton continua subindo a escada da histórica mansão, parecendo tão linda como sempre; mas tem agora o mau costume de deixar destrancadas as portas que os moradores vivos da casa prudentemente fecham à chave, antes de irem para a cama...

Outras grandes figuras históricas, cujos fantasmas ainda andam pela Inglaterra, são o «Principe Negro», que assombra Hall Place, perto de Bexley, onde foi visto pelo menos três vezes antes dos revezes que os britânicos sofreram no começo da Primeira Guerra Mundial; Sir Francis Drake, que atravessa Dartmoor em uma sege negra puxada por cavalos decapitados, e seguida por uma matilha de ferozes sabujos, cujos uivos horrorosos fazem virar de patas para o ar, fulminando-os de morte, os cachorros da terra; e o famoso salteador de estrada, Dick Turpin, que ainda desce três vezes por ano a encosta de Trap's Hill, perto de Loughton, num cavalo a galope.

A referência mais recente que a imprensa fez ao fantasma de Dick Turpin, data de julho passado, quando o proprietário de certa casa, por nome Blaney Key, requereu ao governo uma redução nos impostos, alegando que a presença de almas do outro mundo lhe estava desvalorizando a propriedade. As referidas «almas» eram as de duas pessoas, que Turpin descobriu um dia, assassinadas, no porão da casa e de cuja morte ele manteve segredo a troco de refúgio. A' medida em que a presença de almas penadas pode afetar o valor duma casa, na Inglaterra, depende naturalmente do comportamento dos seus fantasmas. Entretanto, já que a presença de fantasmas de qualquer espécie desva-

loriza em certa medida a propriedade, a revelação pública de que uma casa virou refúgio de fantasmas, constitui hoje base para o proprietário mover um processo judicial por perdas e danos.

Mas nem só as sombras dos humanos erram na verde e úmida paisagem da Inglaterra: também há os fantasmas de animais, e entre estes os cavalos ocupam o lugar mais importante. Geralmente os cavalos, ou os cavaleiros, ou ambos aparecem decapitados. Por ordem de popularidade, entre os fantasmas de animais como entre os animais vivos, depois dos cavalos, vêm os cães e os gatos. O mais perfeito e melhor dentre os cães fantasmas, é o que aparece vagando pelas ruas da cidade de Burnley—um cachorro enorme, pelado, lazarento, a que deram o nome de *Shriker* ou *Trash*, e que ora anda para diante, ora para trás, com as patorras molengas produzindo um som lúgubre de lama esparrinhada... A sua aparição é tida como um prenúncio de morte próxima entre as pessoas da vizinhança.

O principal caçador de fantasmas da Inglaterra é Harry Price, que faz mais de 40 anos vem praticando a arte diticil de pesquisar o sobrenatural. E' um céptico impenitente em matéria de almas do outro mundo! Homem de recursos e possuidor dum bem apetrechado laboratório, Price pratica suas pesquisas no caráter exclusivo de amador, e despende nelas anualmente, segundo calcula, cerca de 1.200 libras. O seu trabalho consiste sobretudo em averiguar os casos que lhe são comunicados em um total semanal de 25 cartas, aproximadamente.

Price remete as epístolas denunciatórias para um ou outro dos mais de 100 investigadores voluntários que com ele cooperam em várias regiões do país; se o caçador local, estudada a carta e as condições de produção do fenômeno, lhe apresenta um relatório favorável a respeito deste, Price poderá dar-se ao trabalho de ir estudá-lo pessoalmente. No entanto, dentre 20 casos sómente um é digno de seu exame pessoal, e destes, só um por cento se mostra inexplicável em bases normais Mas até com os casos inexplicáveis Price assume uma atitude de perfeita isenção, limitando-se a afirmar que os seus conhecimentos são insuficientes para explicar o fenômeno.

Sou de parecer que uma nação que acredita em fantasmas está pronta a acreditar seja no que for. Mas, por virtude da mesma regra, é também verdade que uma nação que acredita em almas penadas, demonstra pelo menos que é capaz de crer em alguma coisa!

A recorrência atual de fenômenos metapsíquicos, e da respectiva indústria, na Inglaterra, demonstra concludentemente que, chamem-lhe os nomes que quiserem, ou sejam eles o que forem, ninguém pode acusar os ingleses de povo cínico ou desiludido. A sua capacidade para acreditar em fantasmas é, em certo sentido, a prova básica da sua aptidão para crerem em si próprios e na sua própria indestrutibilidade...

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Nova Semana Espírita de Macaé

O meio espírita de Macaé é o recordista nos programas de Semanas Espíritas organizadas.

E vale salientar que não se trata aí de meio fracionário.

São todos os espíritas da terra que vibram com o meio, felizmente!

O sistema de *Semanas Espíritas*, como o fazemos, se nasceu em Três-Rios, firmou-se em Macaé, encontrando campo propício em outras localidades, como, por exemplo, Iguassú e Cruzeiro, onde parece que não ha espírita de verdade que não tope o programa.

* * *

Fomos à *Semana Espírita de Macaé*, com mais nove companheiros—jovens, senhoras e cavalheiros — sentir de perto a emanação vibrátil de um dos mais belos imperativos do *Programa do Espiritismo de Vivos*.

Recepção festiva à chegada do trem, abraços e sorrisos de satisfação. E, a seguir, os carros rolam levando os «semaneiros», em grupos, para seus «aparta-

mentos». Nosso «apartamento», o de hábito: em casa do casal Raymundo—d. Maria Peixoto Lins.

Nós, que haviamos faltando à *Semana* anterior, deviamos estar, por isso mesmo, sentindo emoções novas, ou quase novas.

E assim era, efetivamente.

* * *

Na manhã seguinte—uma clara manhã de sol primaveral, luminosa e fresca, ventilada e alegre, rumamos, de ónibus, para a *Praia do Cavaleiro,* onde seria o primeiro reabastecimento espiritual. O veículo abalou, toda gente cantando a «Canção da Alegria Cristã». E na Praia, diante do mar agitado, sacudindo-nos, indiscretamente, a viração marinha, o ato da abertura da *Semana.* Depois do Hino da Mocidade Espírita, Raymundo Peixoto Lins profere, diante do mar, o olhar para o Alto, a prece inicial. Aberto, ao acaso, por uma criança, o Evangelho, cai Paulo, aos Corintos, falando sôbre o seu apostolado, que era negado por irmãos seus. A história das queixas de Paulo se repete: vão por aí tantos irmãos a negarem seus irmãos, só porque lidam e sentem a Doutrina de outro modo! Todas as representações—Rio, Barra do Piraí, Iguassú, Belém do Pará, Macaé, — interpretam os versiculos sorteados. Depois, os jovens, as senhoras. Por último, o reajustamento, que nos coube, para gaudio nosso...

Só aquêle programa valeria, para nós, pela chave-de-ouro de abertura da Semana. Nem precisaria, talvez, programa algum para o dia estar consagrado.

* * *

De volta, visita no LAR DE MARIA, recem-construído, quasi a inaugurar-se. Sob aquêle teto moderno, amplo e bonito e de entre aquelas paredes, lembramo-nos de sua origem, sentindo quanto póde a persistência de espíritos cheios de fé a serviço de um programa agitado e oportunissimo.

Foi na primeira visita que os irmãos de Macaé fizeram a Nova-Iguassú, ao *Lar de Jesus.* Na manhã do dia seguinte, ao *Café da Cordialidade*, no *Estrada de Damasco.* A' estação, à espera do elétrico, que se atrasára, nascia o LAR DE MARIA, afim de que as sintonias cristãs entre os dois meios—Iguassú e Macaé—fossem completas. Quatro anos depois, lá está o LAR DE MARIA de pé, à espera de sua inauguração.

E, como o LAR DE JESUS, o *Lar de Maria,* de Macaé, o *Sanatório Jesus,* de Cruzeiro, o *Instituto Maria,* de Juiz de Fóra, o *Lar de Maria,* de Belem do Pará, em vias de construção, o *Lar de Jesus,* de Recife, construido, prestes a inaugurar-se, todos, rebentos de árvore sazonada de um programa agitado e do momento, que só póde ser combatido por comodistas e incompreensiveis, que é o *Espiritismo de Vivos*...

* * *

A' tarde, no *Parque Antonio de Padua,* centro de igual nome.

Uma pequena multidão aí se acotovelou, durante 3 horas, vibrando de alegrias, festivamente. E todo um programa original, em que se aplaudiu desde a bôa Doutrina, transmitida em doses leves, a propósito, até numeros de arte, música, poesia, canto e surprêsas evangélicas, foi cumprido integralmente, sem cansar ninguém. E, dos números de maior sensação, o derrame de «livros... livros a mancheias, para o espírita estudar», os testes evangélicos atirados aos moços e a distribuição de autografos, os números de maior sensação.

Caravanas de irmãos de Rio Bonito, Cabo Frio e Campos chegaram no meio do programa, engrossando a massa humana de irmãos espirituais.

Ainda nossa, a honra de animar o programa da tarde...

* * *

A' noite, a sessão substancial, no mesmo *Antonio de Padua.*

O José Soares Garcia, na presidência, pede que se cante o hino, *Jesus* — letra suspeita, porque nossa, mas, música bela — e profere, em seguida, a prece de abertura.

O salão não comportava mais ninguém.

A' porta do centro, pelos lados e nos fundos e no *Parque*, gente em dobro, satisfazendo-se com o que lhe transmitisse o possante alto-falante.

O Moreira profere a peça de abertura da Semana, transmitindo bôas-vindas aos irmãos presentes. Antonio Alves Fer-

reira rende justa homenagem ao pioneiro do Espiritismo em Macaé, dr. Jeronimo. Passa-se-nos a presidência da sessão a estas alturas. Antonio Paiva Melo agradece, em nome da representação de Nova-Iguassú, a recepção. O jovem Evaldo Guimarães lê expressiva Mensagem. A jovem Alcina Dias lê a *Página do Jovem Espírita* e Maria Luiza Babo, uma crônica em versos, que o poeta Sebastião Lasneau fizera da viagem. Falamos por último, durante quarenta minutos, dentro do tema que o confrade Peixoto Lins nos cometera: *Renovações Necessárias*. Depois, numeros de música, canto, declamação, com o Oli de Castro ao acordion.

Duas horas exatas para tudo.
E intensa vibração em todos.

* * *

Na manhã seguinte, a volta, com parte de nossa representação, para nosso pesar, tristeza e protestos de muitos confrades.

Que fazer, porém, se as coisas bôas do mundo são, ainda, assim: efémeras?!

Pois que essas coisas efémeras valham por aprendizado a seu tempo, afim de que, num futuro próximo, nossa vida comum seja feita de emoções e sensações assim, permanentes.

Leopoldo Machado.

D. Gracinda Batista

Entre os espíritos que palmilharam a terra e que deixaram após si sinais indeléveis dos grandes benefícios que prestaram à humanidade, D. Gracinda Batista, no campo da assistência social, foi um exemplo para todos quantos desejam efetivamente alcançar o reino de Deus e a sua justiça.

Dando de comer aos famintos, vestindo os nús e cuidando, com amor de mãe extremosa, de dezenas de crianças desemparadas, D. Gracinda Batista tornou-se credora da estima e admiração de todos indistintamente.

Fundadora do Sanatório «Americo Bairral», de Itapira, êsse espírito amigo deve sentir-se plenamente alegre ao ver, lá de cima, que essa sua obra prossegue na sua filantrópica missão de amparar e curar os debeis mentais, alegria dupla porque essa importante instituição de caridade, graças ao Alto e aos esforços dos seus continuadores, aumenta cada vez mais o seu patrimônio com a construção de novos pavilhões.

No próximo dia 28 vai fazer dois anos que o espírito de D. Gracinda libertou-se dos liâmes terrenos, deixando um sulco de gratidão nos corações que dela receberam benefícios, e de saudades nos corações que tiveram a felicidade de travar relações com ela.

Que Jesus proporcione a êsse espírito amigo mais luzes ainda, são os votos que formulamos num preito de estima e consideração.

Criação do Instituto Espírita de Educação do Estado de São Paulo

Aos Pais e Educadores Espíritas

A União Social Espírita, dando cumprimento a um dos seus principais objetivos, resolveu, em reunião do Conselho Deliberativo, criar o Departamento de Educação da Diretoria Executiva e promover em S. Paulo uma ampla reunião de educadores espíritas de todo o Estado, com o fim de lançar os fundamentos de um instituto espírita de educação e da sociedade civil que o criará e dirigirá. Trata-se, portanto, da convocação de um verdadeiro congresso educacional, para o qual pedimos a boa-vontade e a compreensão de todos os pais e educadores espíritas.

Resolveu o Departamento de Educação abrir imediatamente a inscrição de teses para estudos e debates no referido congresso, e convida todos os espíritas interessados na solução do problema educacional, a elaborarem desde já os seus trabalhos, com base nos seguintes itens:

1.º) — O Instituto Espírita de Educação do Estado de S. Paulo será um amplo organismo de ensino, abrangendo todos os cursos, desde o pré-primário aos superiores.

2.º) — Terá sua séde na capital e distribuirá unidades pelo interior, podendo entrosar no seu organismo as escolas espíritas já existentes, de maneira a formar um verdadeiro sistema estadual de educação.

3.º) — Será fundado por contribui-

ções monetárias, e manter-se-á da mesma maneira e com o rendimento dos seus cursos, toda a sua renda sendo aplicada exclusivamente na sua manutenção e ampliação, bem como na abertura de bolsas de estudo para alunos pobres, em todos os cursos.

4.º) — Será dirigido por uma sociedade espírita especialmente constituida e adesa à U. S. E.

São estes, a nosso ver, os pontos capitais, que oferecemos, entretanto, como simples orientação. Os autores de teses poderão sugerir as modificações que acharem convenientes, com inteira liberdade.

As teses não deverão ultrapassar a dez laudas de papel almaço, datilografadas a dois espaços, numa só face. Endereço para remessa: Departamento de Educação da U. S. E.. Avenida Irradiação, 152 (Antiga rua Maria Paula) S. Paulo.

Nota Importante — Pedimos a máxima objetividade na elaboração das teses, que deverão apenas indicar as bases e a maneira de funcionamento do Instituto. Qualquer explicação de detalhes, ou justificação de motivos, deverá vir em papel separado, em forma de ofício. O Departamento pede a todos que enviem o quanto antes os seus trabalhos, para serem estudados e debatidos nas reuniões preparatórias. Pede também, aos que desejarem participar do congresso, — especialmente aos professores espíritas, mesmo que não lecionem em cursos de orientação doutrinária, que enviem a sua adesão, nos termos do cupom abaixo:

I Congresso Educacional Espírita Paulista

ADESÃO

Nome.....

Cargo.....

Escola.....(*Quando professor*)

Endereço completo.....

.....

....., ...

de.....*de 1948.*

Assinatura.....

O Espiritismo em São Paulo

De volta do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, efetuado no Rio de Janeiro de 18 a 25 de Julho último, a União da Mocidade Espírita de S. Paulo teve ocasião, a 27 do mesmo mês, de recepcionar, no salão da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, alguns dos Congressistas que tomaram parte ativa naquêle conclave. Assim, foram homenageados em sessão solene, nessa noite, as Mocidades e Juventudes de Franca, Jaboticabal, Mogi-Mirim e de Uberaba, Minas.

Os jovens, Wilson de Souza, Aparecido, Acyr e as srtas. Zelia R. Cunha e Aurea G. Cunha, como rambém, a jovem Nair Salatti, da Mocidade de Piracicaba, representaram oficialmente as suas Mocidades, de modo dignificante. A noite esteve magnifica, espiritualmente falando e, não menos, o ambiente, intenso de alegria, que reinava em todos os corações.

A tribuna foi ocupada, em princípio, pela jovem Nancy Puhlmann, da USE, que teceu comentários sôbre as atividades do Congresso, e depois pelos Representantes acima descritos, que falaram sôbre o que viram no referido Congresso. A saudação oficial aos jovens feita pela UMESP, esteve a cargo de Vicente S. Neto que, de improviso, disse do carinho e da satisfação que aqueles jovens, em sua passagem, deixavam no coração dos seus irmãos paulistas. E, precedendo a essa festa de cunho tão singelo de beleza e fraternidade cristã, houve um lindo e bem feito programa de canto, declamação e música, a cargo do Departamento Artístico da UMESP.

Após o encerramento, os homenageados acompanhados por uma centena de unionistas, dirigiram-se para o lar da jovem Olinda Vicente da Silva, que ofereceu aos recepcionados, uma mesa de doces e chá, tendo-se formado ali, um ambiente de pura cordialidade que alegrou a todos.

A «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», também foram homenageados com carinho através do seu Representante na Capital, bem como a Livraria Allan Kardec, pelo confrade sr. Batista Lino.

A' UMESP, apresentamos em nome de Deus e de Jesus, os votos de franco progresso na doutrina que nos irmana.

Ainda a UMESP e suas atividades

Decididamente os jovens paulistas estão se desdobrando na doutrina como bem demonstra o facto de estarem os seus diversos Departamentos em plena atividade. Não têm medido esforços para divulgar através da tribuna, e no campo da Assistência Social, as contribuições que lhe são exigidas. Rifas, sorteios, visitas aos que precisam, donativos em dinheiro, roupas, etc., tudo tem sido executado com esfôrço e alegria pelos jovens. No último dia 10 de Agosto, ocupou a tribuna da Federação Espírita, sob a supervisão dos mesmos, o Pastor Herald Niedner, recem-chegado da Alemanha e funcionário acreditado pela Cruz Vermelha Brasileira que, além de demonstrar seus conhecimentos evangélicos de modo claro e feliz, fez um apêlo aos presentes no sentido de auxiliarem os irmãos que lá na Europa, estão sofrendo do corpo e da alma. Arrecadou Cr. $ 713,00 em alguns minutos, e ainda a UMESP, está empenhada agora em auxiliar eficazmente, numa campanha beneficente, a Cruz Vermelha Brasileira, pró-necessitados da Europa.

Assim, vai ela dando cumprimento ao seu programa de amparar moral e materialmente, divulgando de modo vivo, os ensinamentos do Cristo de Deus. São esses dados sôbre as atividades da UMESP, que nos foram enviados pelo nosso Representante na Capital, sr. Vicente S. Neto.

Não é Verdade

Nosso companheiro, prof. Leopoldo Machado, enviou-nos uma refutação, análise e esclarecimento, com o título acima, a propósito de um escrito com igual título, inserto em REFORMADOR de Maio, pag. 119, que lhe diz, particularmente, respeito, para publicarmos.

Felizmente, seu autor, cedendo a imperativos de ordem moral, que seus companheiros de organização do *Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil,* e, principalmente, dos membros do *Conselho Consultivo* que saíu do Congresso, lhe apresentaram, salientando que a realização do Congresso foi a melhor refutação, análise e esclarecimento que poderia dar a seus poucos desafetos, desistiu de sua publicação.

Sua desistência trouxe a seus irmãos e amigos sinceros, que se encontram por toda parte, muita alegria e satisfação. Satisfação e alegria bem maiores, podemos afirmá-lo, para seus irmãos e companheiros da Família Espiritual de Cairbar Schutel, a que Leopoldo Machado pertence.

Primeiro Aniversário da U. S. E.

No dia 6 de Junho último, em sessão solene no salão da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, foi comemorado o 1.º aniversário da União Social Espírita, (USE).

Foi mais um passo dado para a concretização dos ideais da família espírita do Estado. O trabalho que a U. S. E. tem realizado no sentido de articular e unir os espíritas, indiscutivelmente marcará época na história do Espiritismo nacional, pois até a presente data, não houve em nosso país, um movimento idêntico, que pudesse abranger as necessidades do momento e satisfazer as aspirações da maioria dos espíritas. Durante um ano de trabalhos consecutivos, a U. S. E. demonstrou a possibilidade de uma perfeita unificação nacional, dependendo apenas de boa vontade, de um pouco de renúncia por parte dos dirigentes de entidades. Raros são os centros bem orientados do Estado que permanecem alheios ao mais importante de todos os trabalhos do momento que é a unificação iniciada pela U.S.E.

Hoje em dia, as pretensões da U.S.E. estão bem conhecidas e, principalmente aqueles que assistiram à reunião de seu primeiro aniversário, onde o seu programa foi amplamente comentado e esclarecido com perfeita fidelidade. É inegável o prestígio que a U.S.E. tem adquirido no âmbito do Espiritismo nacional. Para que se avalie a confiança de que ela é merecedora, basta citar, até o momento, as adesões de 12 Estados hipotecando-lhe apôio como patrocinadora do Congresso Nacional convocado para Outubro. Esses 12 Estados representam uma maioria absoluta, por quanto, a não ser em mais uns três ou quatro, não há ainda Espiritismo organizado. Alguns Centros da Capital que tomaram parte no festival do dia 6, ficaram bem inteirados da situação em que se encontra o Espiritismo em marcha para a unificação e, mais uma vez demonstraram estar solidários com a U.S.E. para a conclusão dos inúmeros trabalhos já iniciados.

Foram os seguintes os Centros que

comemoraram ao festival do primeiro aniversário da U.S.E., Centro Espírita Irmã Carolina, Lauro Machado, Antonio Gonçalves Batuira, Iracema Inca, Maria do Cruzeiro, São José, Anjo da Paz, S. Rafael Esperança e Fé, Francisco de Paula, Nova Esperança, Liga Espírita do Estado de S. Paulo, Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, Federação Espírita do Estado de S. Paulo, Grupo Espírita Roberto Hermann, União da Mocidade Espírita do Estado de S. Paulo, Fraternidade E. Evangélica, C. E. União, Luz e Caridade, C. E. Olivia, Tobias Xavier, Benedita Conceição, C. E. da Paz Pai Jacob, Amor e Fraternidade, Amor e Caridade, Juventude Espírita do Bosque da Saúde, C. E. Redentor, U. E. Mensageiro da Paz, Luz e Verdade, José Barroso, Divina Providência, Familiar Tomás Le Pera, Emanuel, José de Carvalho, Mocidade Espírita da Casa Verde, Nova Éra, Clube dos Jornalistas Espíritas, Fraternidade Espírita, Sociedade de Estudos Espíritas, C. E. Mateus e C. E. Ismael.

Por mais êste gesto de solidariedade por parte dos espíritas de São Paulo, em torno do programa comum de unificação, todos nós, de diversas entidades espíritas, sentimo-nos cada vez mais encorajados à exemplificação da tarefa que nos foi confiada.

Marian Sévio.

Federação Espírita Brasileira

Como é do conhecimento dos espíritas, o movimento espírita cresce cada vez mais, requerendo mais livros para satisfazer os milhares de novos adeptos que engrossam a fileira espírita constantemente, todos desejosos de adquirir os conhecimentos relativos às cousas do espírito, afim de poderem dar mais largos passos na senda da evolução.

A Federação Espírita Brasileira sempre teve oficinas gráficas bem aparelhadas para satisfazer as exigências da propaganda da Doutrina pelo livro. Entretanto, essas oficinas tornaram-se pequenas em face do surto progressista do Espiritismo em nosso país. Compenetrada, porém, da sua elevada missão, a Federação sentiu a imperiosa necessidade de aumentar as suas oficinas gráficas, afim de poder atender a avalanche de pedidos de livros. Para tanto, adquiriu, há dois anos, um terreno com as dimensões necessárias, à Rua Figueira de Melo, 410, em São Cristovão, na entrada da zona industrial do Distrito Federal, onde construiu mais um prédio nos fundos do que já existia no terreno, prédio de três pavimentos no qual foram instaladas as seguintes secções: no andar térreo, com uma área de 328 m2, as máquinas compositoras e impressoras; no primeiro pavimento, a oficina de encadernação, numa área de 320 m2; no segundo pavimento, os depósitos, numa área de 320 m2.

A Federação já possuía à Avenida Passos, n.ºs 28, 30 e 32, um espaço de 3.000 m2, onde continuarão todos os demais departamentos. Com a nova aquisição, ficará ela com um espaço utilizável de 5.230 m2 para os seus diversos serviços, aguardando oportunidade para completar o seu trabalho na difusão do livro com a aquisição de máquinas mais modernas e mais eficientes, quando então estará aparelhada a publicar cerca de um milhão de exemplares de livros por ano, quantidade justamente necessária hoje para satisfazer o desenvolvimento da propaganda.

E assim vem a Federação Espírita Brasileira cumprindo à risca o seu programa na difusão da Doutrina pelo livro.

PROF. VERISSIMO A. DE SOUZA

Em Curitíba, Capital paranaense, aos 21 de Julho p.p. deu-se o passamento do venerando e ilustre Professor Verissimo Antonio de Souza, membro da Academia Paranaense de Letras, do Instituto de Ciências e Letras de Campinas e de outras agremiações culturais do país.

Dotado de vasta cultura e robusta inteligência, assinalou sua passagem pela existência terrena com testemunhos irretorquíveis de bondade, amor ao próximo e retidão de caracter, espargindo, como educador, os benefícios da instrução a varias gerações do visinho Estado.

Suportou sempre com resignação, coragem e fé inabalável em Deus, as vicissitudes dêste planeta.

Conhecendo de perto como parente e ex-aluna, as peregrinas virtudes do saudoso irmão desincarnado, estou certa de que seu espírito está, na pátria eterna, em pleno gozo da serena paz e felicidade a que faz jús um coração puro e sincero como o seu.—S. Paulo, Agosto, 1948. **G. Figueira**